

social

ALGUMAS VEZES, A “ESPERANÇA” NOS MÉTODOS NÃO CONVENCIONAIS PODE SE TORNAR UM RISCO

Tratamentos alternativos: mitos e verdades

Quando descoberto, o câncer causa um misto de emoções: indignação, raiva, revolta, medo... No entanto, um sentimento se sobrepõe aos demais: esperança. E, com ela, a vontade de sobreviver. E esse desejo leva muitas pessoas a procurarem tratamentos não convencionais, como aqueles à base de plantas ou religiosos. Fundador da empresa de tecnologia Apple, o empresário Steve Jobs foi um dos que retardaram a cirurgia do câncer de pâncreas para aderir a um tratamento com ervas, o que agravou seu quadro. O vale-tudo pela cura do câncer apregoa o poder curativo de substâncias naturais livremente, tanto por meio de cartazes colados em postes quanto pela internet, e dá falsas esperanças para quem precisa enfrentar a doença.

Estimativa da American Society of Clinical Oncology (Asco) mostra que cerca de 80% dos pacientes com neoplasias recorrem, em algum momento, ao tratamento alternativo. O chefe do Serviço de Oncologia Clínica do INCA, Daniel Herchenhorn, adverte: “Não há nenhum indício de que esses tratamentos contribuam para a regressão ou a cura do câncer”.

Professor do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP)

e coordenador da Oncologia Cirúrgica do Hospital São José (SP), o cirurgião torácico Riad Younes diz que tem visto diversos ‘Srs. e Sras. Jobs’. “São muitos os exemplos de pacientes que, infelizmente, postergam tratamentos eficientes, para fazer cirurgia espiritual ou outro método sem comprovação científica, e, quando retornam, a doença não é mais operável, o tumor já se espalhou e a chance de cura diminui”, alerta.

O interesse de doentes por tratamentos naturais levou o médico a fazer um levantamento com 3 mil pacientes oncológicos para saber quantos utilizavam chás, ervas e florais na busca pela cura da doença. “Quase metade dos pacientes procura e usa algum tratamento não convencional durante a evolução do câncer”, afirma Younes, que revelou ainda que 48% dos entrevistados usam pelo menos um outro tipo de terapia paralelamente à quimioterapia. Apesar de o estudo ter sido feito há quase 15 anos, Younes acredita que ele evidencia o impacto das terapias alternativas – que prefere chamar de “não convencionais” – nos pacientes com câncer.





PROMESSA VIRTUAL

Chá de babosa, limão, cebola, avelós, bicarbonato de sódio e folha de graviola. São variados os e-mails que circulam atribuindo ao poder de plantas e outras substâncias naturais a cura do câncer. Blogs e sites oferecem livremente esses produtos. Para sustentar a tese de cura, as mensagens têm forte apelo religioso, trazem depoimento de pessoas que teriam ficado sãs usando os produtos, atribuem a explicação do poder curativo a cientistas e dizem até que o tratamento é aprovado pelo Ministério da Saúde ou algum instituto internacional. Mas o presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC), Anderson Arantes Silvestrini, alerta: “Não existem evidências científicas que comprovem a eficácia dessas terapias. A SBOC é contra seu uso, pois desconhecemos se podem interferir nos resultados das terapias-padrão. Muitas dessas substâncias são metabolizadas no fígado e podem alterar a absorção de quimioterápicos, bem como sua eficácia e eliminação.”

Chefe do Serviço de Oncologia do Hospital São Vicente de Paulo (RJ), o médico Décio Lerner também reforça o perigo dos tratamentos sem comprovação científica. “Além de não trazerem nenhum benefício, podem ser danosos ao fígado.”

O oncologista André Deeke Sasse, professor de pós-graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo, afirma que a receita que mistura chá de babosa com bebida destilada é prejudicial. “A babosa pode causar inflamação das mucosas, diarreia e outros problemas gastrointestinais. O álcool compromete

a função hepática e pode interferir no metabolismo de vários medicamentos, entre eles os quimioterápicos e hormonais”, aponta Sasse, que coordena o Centro de Evidências em Oncologia (Cevon) da Unicamp.

Sobre a afirmação de que o bicarbonato de sódio e a folha de graviola tenham poder curativo 10 mil vezes superior ao da quimioterapia, Sasse assegura que é falsa. Ele enfatiza que a administração de bicarbonato em excesso pode causar alcalose metabólica iatrogênica (aumento do pH do organismo), o que pode levar a confusão mental, enjoos, náuseas e vômitos, muitas vezes acompanhados de espasmos musculares e inchaço no rosto ou nas extremidades. “O pH fisiológico é fundamental para o desenvolvimento das funções do organismo, incluindo imunidade, respiração, celular e transporte de nutrientes”, sublinha.

O coordenador do Cevon afirma que apenas estudos clínicos podem levar qualquer substância, natural ou sintética, a ser incorporada como medicamento convencional.

PERIGOS “NATURAIS”

Embora os oncologistas concordem que chás naturais não trazem nenhum benefício antineoplásico, além de serem tóxicos, ainda é vasto o relato de médicos cujos pacientes aderiram a métodos não convencionais e prejudicaram a saúde. Lerner se lembra de um paciente que, apesar de manter a doença estável, optou por parar o tratamento convencional e iniciar um alternativo. “Quando retornou ao tratamento convencional, a doença já estava bastante avançada e não teve mais resposta”, lamenta.

Sasse ressalta que há uma mística popular de que o que é natural pode até não fazer bem, mas mal também não faz. Mas a história de sua paciente é diferente. Com câncer de mama, ela inicialmente recusou a cirurgia ou outra forma de tratamento. “Com o uso de fitoterápicos, homeopáticos e mudanças de hábitos alimentares, ela esperava não só controlar, mas curar a doença. Mas não houve benefício; pelo contrário”, depõe o médico.

Younes tem um relato similar. Ele acompanhava e controlava o tumor de um paciente com exames e pôde ver a progressão da doença quando a quimioterapia e a radioterapia foram trocadas por uma terapia não convencional. Quando o paciente voltou ao consultório, o tumor havia crescido e se espalhado. O professor da USP é taxativo: “Natural não significa bom! A maconha é uma planta, o tabaco é uma planta, e nem por isso são isentos de prejuízos graves à saúde. Muitos chás e ervas vendidas como curas naturais do câncer podem ter efeitos colaterais, pequenos, graves e até fatais.”

Para evitar comportamentos como esses, Herchenhorn é da opinião de que a relação médico-paciente deve ser de confiança e transparência. Ele diz que conversa abertamente com seus pacientes sobre o uso de suplementos alimentares ou paralelo de fitoterápicos, discute benefícios e aborda estudos e comprovações científicas. “A decisão é sempre do paciente. Os médicos devem ter mente aberta para ouvir seus pacientes e recomendar aquilo que é melhor, baseado em evidências científicas e no melhor bom senso que rege a prática médica”, defende.

COMPROVAÇÃO NECESSÁRIA

Embora já tenha sido comprovado em laboratório que a folha de graviola, na forma de acetogenina, tem atividade antitumoral, sua aplicação clínica ainda está distante. Para um medicamento ser adotado na prática clínica são necessários pesquisas aprofundadas e testes laboratoriais e em humanos, com tipos tumorais diferenciados e cenários clínicos controlados. E os resultados precisam ser comparados aos de drogas já em uso. Caso sejam mais eficientes, o laboratório pede o registro às agências competentes, como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), no Brasil, e a Food and Drug Administration (FDA), nos Estados Unidos.

“É preciso informar a dose correta, sua eficácia e potencial terapêutico. Afirmações baseadas em achados laboratoriais são importantes, mas têm, obri-

gatoriamente, que ser confirmados por estudos clínicos [com pacientes]. É fundamental separarmos algo que é interessante ou até mesmo promissor, daquilo que é verdadeiro. Do mesmo modo, devemos separar o que é preventivo do que é terapêutico. Esses termos não podem ser confundidos e muito menos vendidos como falsa esperança”, adverte Herchenhorn. Ele menciona um produto divulgado até mesmo em matérias jornalísticas, como a cura do câncer de próstata. “Verificou-se que o PC-Spes, composto de oito ervas que prometia reduzir o nível do antígeno prostático específico (PSA) continha mistura variável de hormônios e anti-inflamatórios, o que levou à proibição de seu uso.”

Todo medicamento para entrar em uso rotineiro precisa passar por várias etapas (pré-clínica, fase I, fase II e fase III), como explica o presidente da SBOC. “Nesse processo são avaliadas a toxicidade e a eficácia, e esta é comparada com o melhor tratamento disponível. Essas substâncias naturais oferecidas na internet estão pulando tais etapas. Então, não sabemos se são tóxicas ou eficazes”, diz Silvestrini, que destaca ainda que a fitoterapia não é reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina como especialidade médica.



“As pessoas devem estar atentas para não cair no conto do milagre. Devem conversar com seus médicos, mencionando até mesmo esses e-mails e sites absurdos que se aproveitam da boa-fé das pessoas fragilizadas”

NARA SARAIVA, advogada

Sasse chama a atenção para um posicionamento comum daqueles que promovem os métodos alternativos para a cura do câncer. “Eles se queixam da falta de aceitação dos chás naturais devido à ‘máfia do câncer’. Entretanto, sobre as regras da Ciência, os proponentes têm a responsabilidade de conduzir estudos bem feitos e relatá-los com pormenores suficientes para permitir sua avaliação e confirmação por outros pesquisadores”, pondera. O coordenador do Cevon assegura



os grandes avanços no tratamento de linfomas, leucemias agudas, câncer de testículo e carcinoma de bexiga foram obtidos por meio da condução de estudos clínicos. O oncologista estima que, a cada ano, cerca de 40 mil novas drogas sejam propostas para o tratamento do câncer e que, “ao final dos estudos, apenas uma ou duas deverão ter sua eficácia comprovada”.

“CONTO DO MILAGRE”

Além do atraso no início do tratamento, o que pode significar a transformação de um tumor maligno curável numa doença fatal, os tratamentos não comprovados cientificamente causam danos psicológicos e financeiros, já que muitos doentes correm o risco de empobrecer no desesperado esforço pela busca da cura.

Mestra em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), a advogada especializada em direito civil e administrativo Nara Saraiva assegura que expor à venda ou induzir ao consumo de qualquer produto terapêutico não registrado na Anvisa constitui infração sanitária grave, além de poder ser considerado crime contra a pessoa, já que o responsável se vale de um momento de fragilidade das famílias e dos enfermos para ganhar dinheiro anunciando curas não comprovadas.

No fim de outubro, dois homens foram presos no Rio por venderem medicamentos contra o câncer sem registro. A pena de cada um pode chegar a 15 anos de prisão

“As pessoas devem estar atentas para não cair no conto do milagre. Devem conversar com seus médicos, mencionando até mesmo esses e-mails e sites absurdos que se aproveitam da boa-fé das pessoas fragilizadas”, sugere. Ela diz que a internet representa um grave problema para as autoridades sanitárias, já que é difícil controlar tudo o que é anunciado, e recomenda que blogs e sites irregulares e fraudulentos sejam denunciados à Anvisa, por e-mail ou carta.

A recomendação de tratamentos alternativos por profissionais da saúde também é passível de punição. De acordo com o Conselho Federal de Medicina, aproximadamente 95% do conhecimento disponível em fitoterapia provém da sabedoria popular. Mesmo sendo livre para adotar a prescrição que achar conveniente ao seu paciente, o médico assume o risco caso adote um medicamento que não seja cientificamente comprovado, não surta o efeito desejado ou possa provocar reação adversa. Nesses casos, não sendo o paciente esclarecido pelo médico sobre essas possibilidades, ele pode entrar com denúncia no Conselho Regional de Medicina, e o médico, sofrer penalidades. ■